



XII BIENAL DE SÃO PAULO
OUTUBRO / NOVEMBRO 1973

**XII Bienal
de São Paulo**

**fundação
Bienal de São Paulo**

CATÁLOGO

Colaboração do Governo Federal
e patrocínio do Governo do Estado de São
Paulo através da Secretaria
de Cultura, Esportes e Turismo
e sob os auspícios da
Prefeitura do Município de São Paulo

Para Digna com um
de Adersantideira abraço sincero
Anna.

Homenagem

15/12/74.

pag - 242.

Sua Excelência o Senhor General
Emílio Garrastazu Médici
Presidente da República

Sua Excelência o Senhor
Dr. Laudo Natel
Governador do Estado de São Paulo

Sua Excelência o Senhor
Miguel Colasuonno
Prefeito Municipal de São Paulo

7. Faixa de Luz. 89 x 116.
8. Faixas Verticais. 89 x 116.

SERPA, Ivan (1923-1973)

A morte recente de Ivan Serpa, aos 50 anos, tem dado oportunidade para diversas "homenagens", em sua maioria sentimentais e incapazes de sublinhar qualquer dos muitos traços da personalidade artística do pintor. Assim, enquanto não se realiza uma grande exposição global de sua variada obra, a homenagem da XII Bienal de São Paulo a Serpa, colocado ao lado da sala destinada ao Concretismo no Brasil, ganha relevância e coerência. Ivan Serpa foi, de fato, um dos primeiros artistas brasileiros a conscientizar, e a abrir caminho ao rigor estrutural do que Van Doesburg chamou "arte concreta". E foi precisamente na I Bienal de São Paulo, entre 1950-51, quando predominava uma vasta especulação estética sobre a arte do pós-guerra, que Ivan Serpa ganhou a láurea "Jovem Pintura Brasileira" com suas obras concretistas. Muito oportuno, pois, mostrar-se na fecunda eclosão a Bienal de Comunicação de massas, a permanência do sentido construtivo de Serpa, face às muitas erupções artísticas violentas das duas últimas décadas.

Construtivista, suprematista, concretista, posteriormente minimalista e opticalista, em toda a exuberância de sua famosa "periodicidade criativa", Serpa, com certas exceções, foi um cultor extremado do purismo — um estudioso e pesquisador das raízes e das energias da abstração fria, do geometrismo e da matemática. Mesmo em suas fases de abstracionismo lírico, de nova-figuração expressiva (a chamada fase negra) e de erotismo gráfico, Serpa deu prioridade à *estruturação*, fundamental ao Concretismo, e a suas leis de alinhamento, ritmo, progressão, polaridades, regularidade, lógica interna de desenvolvimento e construção. Nunca se viu Serpa criar sem fundamento no rigor da forma em si mesma, inclusive em seus períodos mais livres ou gestuais, em seu êxtase, em seu expressionismo não-figurativo. A própria constante de associações e dissociações em sua produção foi sempre algo absolutista. Um artista de idéias precisas, claras, justas, de idéias eternas.

Tratava-se, entretanto, de um artista marcado; e sabia disso. Marcado em vários sentidos. Conscientemente sempre conviveu com a morte. Sua obra terá sido uma reação mais nítida a esta circunstância que a da maioria dos artistas — todos eles também em algum grau convivas do seu fim. A própria atividade didática que Ivan Serpa sempre exerceu sem dogmatismo (dizia-se um orientador, não um professor), torna-se mais compreensível ainda se enquadrada no contexto daquela reação. Ivan Serpa amava ensinar as crianças, pequenas e plácidas ou crescidas e desorientadas; seu êxito maior talvez tenha sido mesmo junto às crianças difíceis, junto às crianças precocemente trágicas, que ele provavelmente reconhecia através de sua própria experiência infantil. Enfim, nesta breve saudação, caberia acentuar a intransigência artística de Serpa, que sempre atribuiu grande importância ao seu encontro com Bernanos e à lição dele recebida: é melhor desagradar conscientemente que agradar por agradar. Reconhecendo na considerável obra do pintor o primado da lógica estrutural e do perfeccionismo conseqüente, ousamos afirmar, porém, que ao longo de sua atividade criadora de quase 30 anos, a personalidade artística de Ivan Serpa não se deixou definir com rigor através de um estilo. Seu estilo, numa visão genérica foi, antes de tudo, a variação de estilos, a luta contra a academização de modos bem sucedidos de criar. Partindo da constante estrutural de espaço e forma, chegou ao mistério, tão claro em seu *art-brut*, em sua figuração erótica, em suas grandes arcos de labirintos brancos, ilusionisticamente cemiteriais.

Para a Arte Concreta, no Brasil, Ivan Serpa além de pioneiro, foi também um alinhado consciente, um adepto do perene. Como nas idéias de Max Bill, acolheu experiências antigas e acrescentou-lhes as que descobria; extraiu das leis estruturais novas possibilidades de jogo; desenvolveu novos processos de individuação.

É o que a pequena coletânea desta homenagem concretiza da XII Bienal de São Paulo pretende mostrar, no ano da morte de Ivan Serpa.

Jayme Mauricio

1. Ritmos Resultantes I.
2. Ritmos Resultantes II.
3. Ritmos Resultantes III.

Signia Serpa.